

ENLACES ENTRE NARCISISMO E DROGADIÇÃO: A CONDIÇÃO DE SERVIDÃO DO EU

LINKS BETWEEN NARCISSISM AND DRUG ADDICTION:
THE EGO'S SERVITUDE CONDITION

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn¹

Mônica Medeiros Kother Macedo²

Resumo: A Psicanálise está, inevitavelmente, convocada a refletir acerca da adição de forma a buscar suas vias de compreensão e intervenção sobre esse dramático fenômeno. Aborda-se no artigo a relação entre drogadição e narcisismo considerando a condição de servidão e apresentam-se duas ilustrações clínicas, oriundas de espaços de escuta de sujeitos drogaditos. O exercício da Escuta operou-se via Estratégia Clínico-Interpretativa, forma de trabalho de pesquisa sustentado no Método Psicanalítico. Constatou-se, a partir das modalidades de relação do Eu com o objeto, duas estratégias defensivas distintas, denominadas servidão narcísica e servidão autoerótica. A conceituação dessas duas modalidades diz respeito não somente às estratégias de preservação e de enfrentamento disponíveis ao Eu na condição de drogadição, bem como aos seus entraves na relação com a alteridade.

Palavras-chave: Narcisismo. Drogadição. Servidão. Psicanálise.

Abstract: Psychoanalysis is inevitably called upon to reflect on the drug addiction, in order to seek understanding axes and intervening possibilities in this dramatic phenomenon. This article discusses the links among narcissism, drug addiction and the servitude condition by presenting two clinical illustrations from listening spaces offered to drug addicts. The listening exercise was operated using the Clinical-Interpretative Strategy, a research modality sustained on the Psychoanalytical Method. It was found two different ways of ego investment in objects, two different defensive strategies of the ego, called narcissic servitude and autoerotic servitude. The conceptualization of these two strategies refers not only to ego preservation and its coping strategies, but also to the barriers between Ego and alterity.

Keywords: Narcissism. Drug Addiction. Servitude. Psychoanalysis.

¹Psicóloga. Psicanalista.
Doutora em Psicologia.
Professora da Faculdade de
Psicologia da PUCRS.
Membro da Sigmund Freud
Associação Psicanalítica.

E-mail:

carolfalcao@yahoo.com

²Psicanalista. Doutora em
Psicologia. Professora da
Graduação e da Pós-
graduação da Faculdade
de Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica do
Rio Grande do Sul
(PUCRS). E-mail:
monicakm@puccrs.br

drogadição. Destaca-se, neste artigo, a relação entre drogadição e narcisismo, contemplando, mediante estes conceitos, a dimensão do **estado de servidão** presente na relação do sujeito com o objeto droga.

De fato, no curso da elaboração da Tese de Doutorado, intitulada “O Sujeito Psíquico e a Condição de Servidão ao Objeto Droga: do Rigor da Psicanálise à Pesquisa na Escuta” (DOCKHORN, 2014), realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), destacou-se, a partir da Escuta de sujeitos drogaditos e de um singular trabalho de pesquisa com esse material, a existência de histórias de vida marcadas por importantes traumatismos, no que diz respeito à precariedade dos investimentos dos objetos primordiais. Pode-se constatar a estruturação de um pacto mortífero com os objetos primordiais, o qual aniquilou o potencial de autonomia desses sujeitos. Assim, na luta pela sobrevivência psíquica, acabou por estabelecer-se uma condição de servidão a estes objetos primordiais. Tal condição de servidão passou a ser repetida no investimento do sujeito no objeto droga e colocou em evidência no processo da investigação importante faceta do narcisismo.

A Escuta dos sujeitos drogaditos foi seguida do trabalho de pesquisa com os dados por meio da Estratégia Clínico-Interpretativa (DOCKHORN; MACEDO, 2014), modalidade de investigação sustentada no Método Psicanalítico e, portanto, baseada nos pressupostos da Escuta, da Abstinência e da Transferência. Tal estratégia investigativa permitiu que fossem desvelados aspectos da drogadição de cada um dos sujeitos escutados de tal forma a colocar em evidência a complexa relação entre o narcisismo e o fenômeno drogadito. Sabe-se que tal relação possui inúmeros contornos e, justamente por isso, deve ser entendida em sua complexidade e singularidade.

Neste artigo, opta-se por destacar a relação de **servidão** do sujeito com os objetos de investimento, incluindo o objeto-droga. Nesta opção, objetiva-se evidenciar a perda das capacidades de autonomia e liberdade do Eu, o qual aprisiona-se nesta condição de servidão, delegando, assim, ao objeto um papel central em seus investimentos.

Desde Freud (1914/1976), sabe-se da importância do narcisismo para o desenvolvimento psíquico e para a construção de um Eu capaz de investir amorosamente em si, nos objetos e nos ideais. Considerar a importância do narcisismo na vida psíquica refere-se, além de levar em conta a organização e os recursos do si mesmo, também a lançar luz sobre o tema das fronteiras entre o Eu e o outro. Como destaca Savietto (2010), é no seio dos investimentos primários que residem as condições de construção de uma base narcísica, a qual é responsável pela delimitação de um território próprio a ser investido pelo sujeito. É na qualidade dos vínculos primários que se estabelece, assim, a progressiva diferenciação sujeito/objeto.

Tomando-se as proposições de Cardoso (2005) acerca da importância das fronteiras dentre o Eu e o outro, compreende-se que as precariedades do estabelecimento da “nova ação psíquica” resultam num insuficiente delineamento do

espaço que marca o limite entre sujeito e objeto. Tal condição resulta em características singulares no espaço de trânsito entre o externo e o interno. Mantêm-se, assim, vigentes as características de fragmentação e de parcialidade da pulsão sexual que marcam os investimentos do autoerotismo, tempo anterior ao narcisismo primário. Destaca a autora que, se o autoerotismo caracteriza-se pela ausência do reconhecimento de objeto total – quer seja o próprio Eu, quer seja um outro – isso não significa a inexistência de um “objeto parcial fantasístico” (p.68). Logo, segundo Cardoso (2005), nesse primeiro tempo da constituição psíquica, marcado pelo aspecto parcial da pulsão, tem-se um corpo, o qual “estando desviado de suas funções de autoconservação, constitui-se como um eu-corpo, ainda sem fronteiras, aberto ao outro” (p.68).

Por isso, uma das vicissitudes da precariedade da estruturação narcísica refere-se à produção de angústias de invasão e de separação. Nesse sentido, explica Saviotto (2010, p.25), a partir das contribuições teóricas de Chabert (2006), que a insuficiente diferenciação sujeito/objeto ameaça o sujeito quanto à garantia de sua continuidade ante a ausência do objeto; ao mesmo tempo e, paradoxalmente, ela ameaça o sujeito quanto à sua integridade ante a presença do objeto.

Como consequência, estabelece-se um antagonismo entre sujeito e objeto. Pode-se, ainda, resgatar as ideias de McDougall (1997) acerca de ser o comportamento adictivo um desafio ao objeto materno internalizado, uma vez que, ao acreditar, onipotentemente, que controla o objeto-droga, o sujeito acredita, também, que pode garantir a fronteira entre o Eu e o outro, livrando-se, assim, do risco à intrusão e à dependência do objeto primário.

A fim de apresentar proposições sobre os singulares enlaces entre o narcisismo e a drogadição, apresentam-se duas ilustrações clínicas, oriundas de espaços de escuta de sujeitos drogaditos. Estes espaços tinham como objetivo não o tratamento psicanalítico, mas, sim, a oferta de uma Escuta abstinentemente e que privilegiasse a associação livre do sujeito, a partir do estímulo inicial de que falassem de si mesmos. Na exploração de duas dessas histórias destacam-se os efeitos no Eu de uma história marcada pelo parco investimento das figuras primordiais.

Cristina, além de filha caçula, é a filha temporona, tendo uma diferença de 18 e de 13 anos com as irmãs. A mãe, com 40 anos à época da gravidez, teve uma gestação de risco, “e quando deu entrada na maternidade pra me ter, o médico avisou que talvez só conseguisse salvar uma”. Cristina conta que nunca gostou de ouvir sua mãe contar histórias sobre sua infância; por isso, sabe muito pouco do tempo em que era pequena. Nunca deixou que lhe contassem, por exemplo, qual foi a reação e a resposta da mãe frente à fala do médico na maternidade. Sabe que, diante da surpresa da terceira gravidez, os pais torceram para que fosse um menino, mas não sabe a reação deles frente ao seu nascimento. Todavia, se, por um lado, não permitia que lhe contassem histórias, por outro, as criava e recriava a partir das muitas fotos familiares para as quais tinha o costume de olhar. Refere, por exemplo, que sempre lhe chamou a atenção a diferença da sua fisionomia para a das irmãs, o que a levou a pensar muitas vezes que o que a mãe contava sobre a gestação era mentira e que, de fato, havia sido adotada. Isso ocorria devido à justificativa dada pelas irmãs de que os

pais já estavam velhos e, por isso, não a acompanhavam em passeios em sua infância. Cristina conta que sofreu muito com a ausência deles: “não é só porque estão ficando velhos, porque os idosos também fazem passeios, viagens, piqueniques, tiram foto, e, pra mim, seria muito importante, sabe?”. A dor da ausência também se expressava a cada saída da mãe para o trabalho. Cristina acreditava que a mãe saía por não ter o desejo de estar com ela. Na escola, tinha muita vergonha de si mesma, pelas roupas que sua mãe escolhia e por ser uma criança gordinha. Ao longo da vida escolar, ganhou apelidos como “baleia, fofinha, etc. e também não usava biquíni nos passeios e uma vez eu não pude fazer uma atividade da escola em um museu por causa do meu peso”. Cristina passou toda a adolescência sofrendo em relação ao seu peso, o que, segundo ela, a impedia de ter amigos e de se aproximar dos meninos. Além disso, Cristina mostra-se muito ressentida com o fato de sua mãe nunca ter tido noção do quanto sofria com o peso e sente rancor porque ela nunca tentou ajudá-la, muito menos conversou com Cristina sobre isso. Quando estava no Ensino Médio, Cristina começou a utilizar sibutramina para emagrecer, porém, sofria o efeito rebote quando descontinuava a medicação: “eu emagreci 14 quilos e essa foi a época que eu mais fervei na minha vida de juventude... nem na minha drogadição eu não fervei tanto como nessa época. [...] E quando o remédio parou de fazer efeito aí eu comecei a botar tudo pra dentro de novo. Aí eu inchei, fiquei bem gordinha”.

Na tentativa de suprir seu vazio e a intolerância consigo mesma, Cristina investiu algumas vezes na sibutramina; porém, foi na cocaína que seu investimento se tornou permanente. Cristina experimentou a droga em uma festa: “eu vi as gurias que estavam lá, todas magras. E eu até cheguei a cogitar... eu sabia que uma delas usava droga. E aí eu fiquei pensando... não que eu quisesse usar droga para emagrecer, mas passou a hipótese de ‘será que elas usam cocaína para emagrecer?’. De fato, a drogadição permitiu a Cristina gozar daquilo que ela entendia ser um novo lugar no mundo e nas relações. Fez muitos “amigos” e estava sempre sendo convidada para sair na companhia deles. Conta que: “na época, é como se eu fosse a prefeita da cidade, assim, porque todo mundo me conhecia”. O detalhe de tal popularidade residia no fato de Cristina “botar substâncias para todo mundo.. Assim, em festas que eu ia, nas festas que eu fiz. Dai eu pegava o carro e ia em vários pontos da cidade para saber onde estava a galera. E, aí, aparecia sempre com substâncias. Então, eu fiquei super conhecida, assim, todo mundo sabia que se eu chegasse, eu ia chegar com um monte de substâncias... E de carro”.

A história de vida de Cristina evidencia os efeitos de uma mãe que não se ocupa da filha, realizando um movimento de banalização em relação ao que ocorria com a filha. Cristina era uma menina solitária. No vazio deixado pela ausência dos objetos primordiais (o pai mal aparece no relato da filha), Cristina refere-se à necessidade do comer para apaziguar uma angústia sem nome. Quando fala do ganho de peso, após o uso da medicação, relata – ainda que tangencialmente – a necessidade sempre presente em seu agir de “pôr tudo pra dentro”. A partir de sua história, pode-se pensar que o ganho de peso e a deformação corporal decorrente dele estão a serviço, entre outros fatores, de anular sua feminilidade, cumprindo, com isso, o desejo dos pais de ter um menino.

Além disso, nas versões construídas por Cristina quanto à sua origem, aparece em seu relato sempre a presença à menção a um enigma, despertado pela percepção da menina de sua diferença em relação às irmãs. Todavia, este enigma segue silenciado pelo pacto estabelecido com a mãe: Cristina onipotentemente acredita que não sabe porque não *quer* saber. Qual será o verdadeiro enigma existente em relação à origem de Cristina? O que a sua percepção da diferença em relação a ela aponta que precisa ser silenciado? Por fim, pode-se perceber, também, na fala da participante sua crença de que existe um objeto (cocaína) capaz de dar a ela o que não tem. Enquanto Cristina acredita que o objeto-droga deu às mulheres a condição de sujeitos desejados – eram magras e felizes –, ela mantém-se presa do ressentimento por aquilo que o objeto mãe não deu a ela. Cristina buscou na droga a promessa da felicidade. Contudo, tal promessa se organizou, desde o início, numa via de alteração: de gorda e infeliz em magra, desejada e cheia de amigos. Consolidou-se uma servidão ao objeto-droga, a qual era o único caminho possível para a manutenção dessa alteração.

A intrínseca relação entre a toxicomania e o narcisismo é evidente. Todavia, a partir do trabalho de Escuta desenvolvido na Tese de Doutorado, constatou-se a presença de diferentes nuances na relação entre a organização e os recursos do Eu e a via toxicômana de descarga pulsional no que diz respeito à consideração do objeto e seu investimento na vida psíquica. Estas nuances se fizeram presentes a partir da contratransferência despertada nos trabalhos de Escuta e interpretação das histórias de vida dos participantes da pesquisa. Dessa forma, nas etapas da Estratégia Clínico-Interpretativa, criada como um método psicanalítico de pesquisa, pode-se, paulatinamente, construir hipóteses acerca de tais nuances nas modalidades de investimento do Eu nos objetos, incluindo, conseqüentemente, o investimento no objeto-droga.

Douglas sempre foi considerado uma criança incontrolável. Refere que sua infância foi muito difícil, pois a família tinha poucos recursos e ele sempre teve “poucas coisas”. Diante disso, apresentou desde criança um movimento de apropriação do que era do outro: “Eu roubava por roubar, pra ter aquele negócio, porque nós tínhamos uma condição ruim mesmo, não tinha o que eu queria... no meu caso era pouca coisa, era brinquedos, roupa, tênis que eu pegava dos vizinhos, de primos. Aí acontecia do pai me bater e eu acabava fugindo de casa. Me revoltava”. Douglas roubava porque o outro tinha e ele não, e ele queria ter. Revoltava-se quando o pai batia, pois, além da violência, não via sentido na discordância do pai: “É que eu via as outras crianças ganhando as coisas e eu não podia ter”. De fato, considerava que o pai tinha de lhe dar o que ele quisesse. Provinha da mãe o sustento de casa, enquanto o pai alcoólatra, não tinha trabalho fixo e forçava (com violência) a mulher a financiar seu vício. Douglas era sistematicamente excluído das brincadeiras com os irmãos e as demais crianças. Não tem claro o que vinha primeiro: se sua tristeza perante a exclusão ou se sua violência em destruir os brinquedos e as brincadeiras dos outros. Em alguns programas, como aniversários, por exemplo, Douglas só podia comparecer na presença do pai, pois “ninguém dava conta” dele. Se o pai do rapaz reagia com violência frente às ações do filho, a mãe de Douglas “passava a mão na cabeça”, conseguindo, inclusive, impedir que o filho apanhasse

algumas vezes. Quando Douglas já estava adicto às drogas, sua mãe também passou a financiar o consumo de Douglas.

Mais tarde, Douglas passou a roubar para ter dinheiro para usar drogas: “Saía de manhã cedo, mesmo morando com a mãe, saía pra roubar. Arrumava um troquinho e ia direto pra boca comprar a droga. Fumava aquilo ali que tinha. Saía de novo, roubava... Eu roubava casas. Pegava TV, o que eu pudesse carregar, joias, dinheiro, DVD, aparelho da NET. A gente tinha onde vender. Pra mim ficava bem mais fácil, pegava um táxi e levava direto. O que desse pra mim carregar eu tava levando”. A droga comprada era consumida só por Douglas: “Eu ia sozinho pro campo, pegava uma garrafinha dessas aí de cachaça, botava refri, pegava a minha maconha, a minha farinha, meu pó, e ia pro campo e ficava lá... Sozinho, cheirando e bebendo. Depois saía, ia em busca de mais”. Logo no início, o uso foi em grupo: “Depois comecei a usar sozinho. Foi só pra aprender, mesmo, aquele momento ali, como é que fazia, como é que não fazia. Depois que eu aprendi, eu pegava e fazia sozinho... pra não dividir com ninguém”.

Douglas, ao ser colocado no lugar de criança incontrolável, teve seu destino sentenciado desde muito cedo. Reclamava das poucas coisas que tinha, mas estaria mesmo se referindo à pobreza de roupas e brinquedos? O que o fazia roubar desde tão cedo? A que mesmo se referia sua certeza de que tinha tão pouco? A exclusão sistematicamente experimentada quando do encontro com outras crianças, inclusive com os irmãos, aponta para uma incapacidade de *estar com* o outro. Esteve o pequeno Douglas efetivamente com alguém? O que o fazia, ainda criança, não saber brincar, como mais tarde o próprio Douglas avaliou, durante as entrevistas? A impossibilidade materna de dar conta do menino repetiu-se ao longo de toda a história de Douglas, pois, quando dava dinheiro para o filho comprar drogas, assumia, uma vez mais, a falência de sua função frente ao sintoma do filho.

Na fala de Douglas, presentifica-se o modo como o narcisismo, diante da constatação da falta e da diferença, recorre às estratégias que visam desmentir o efeito dessas percepções no sujeito. A história de Douglas permite constatar a importância de problematizar a contribuição do modelo de constituição do Eu no qual se faz presente importante recurso a usurpar de outro aquilo que lhe falta.

Ao tratar da estruturação e da dinâmica psíquica singular da Perversão, Moraes (2012) pontua como, diante do veredicto da castração, o sujeito perverso reage com indiferença e, para tanto, recorre à intensificação do narcisismo. Ao se utilizar do recurso defensivo do desmentido, o sujeito altera os registros, tanto da percepção da diferença, como do vazio em relação ao si mesmo. Dessa forma, pode-se afirmar que o recurso ao desmentido da realidade está sustentado no narcisismo. Destaca a autora, então, que o perverso ao desmentir, “não reconhece a diferença que a presença do outro impõe e fragmenta, nesta clivagem, a possibilidade de reconhecer-se em si mesmo” (MORAES, 2012, p. 97).

Na etiologia da estruturação perversa, Moraes (2012) apresenta a existência de um trauma-abuso, o qual diz respeito à vivência de desamparo psíquico e à incapacidade de atribuição de sentido por parte do sujeito daquilo que,

passivamente, ele vive em suas relações primordiais. Assim, instala-se um traumático, cuja intensidade aprisiona o sujeito em repetições via ato. Nesse sentido, para a autora, a manifestação em ato refere-se a uma *presença-ausência*: “o sujeito está presente na *expressão* do ato, mas ausente em relação ao que *produz seu ato*” (MORAES, 2012, p. 100).

Para além da intenção de realizar um diagnóstico estrutural dos participantes da investigação realizada, a problematização apresentada acerca do papel do trauma-abuso alude à demarcação do papel do narcisismo no recurso ao desmentido. Assim, destacam-se as intensidades das vivências de Cristina e Douglas em seus encontros primordiais, as fraturas narcísicas por elas produzidas e, também, a impossibilidade psíquica de reconhecimento e significação da diferença entre o Eu e o outro que predominam nas vidas desses sujeitos.

Propõe-se, então, a existência de diferentes nuances no que diz respeito à capacidade de investimento do Eu e aos seus recursos defensivos. Enquanto, por um lado, pode-se perceber a ocorrência de um antagonismo entre o sujeito e o objeto, tal como propôs Savietto (2010), isto é, um duelo entre o sujeito e o objeto interno, o qual ele tanto teme, por outro lado, percebem-se relações nas quais o objetivo da relação com o outro é o de usurpá-lo, retirando dele algo que o sujeito deseja ser ou ter. A primeira dessas modalidades de investimento trata de uma relação na qual existem dois a serem considerados, ainda que possam estar borrados os limites entre eles e predomine a condição de servidão. Já a segunda modalidade diz respeito ao predomínio de um enclausuramento do sujeito em si mesmo, em uma dimensão autoerótica. Cabe destacar, porém, que tal enclausuramento não se refere a um fechamento psicótico, operado a partir de uma ruptura da realidade, mas, sim, a um movimento de alteração da realidade de tal forma que a diferença entre o Eu e o outro seja desmentida e mantida ao custo de toda e qualquer alteração. O movimento de usurpação do outro busca a manutenção de um funcionamento próprio ao autoerotismo. Por isso, propõe-se, como retrato dessa usurpação do objeto, a referência de Douglas ao afirmar que usava drogas com outras pessoas apenas para aprender a como usá-las e que, tão logo aprendeu, passou a consumi-las sozinho para “*não dividir com ninguém*”.

Considerando as diferentes nuances observadas, propõe-se a existência de duas modalidades defensivas distintas, as quais denunciam, a partir de seu uso, a intensidade e extensão da fratura narcísica existente no sujeito drogadito. Parte-se de um ponto comum, a saber, a condição de servidão psíquica aos objetos primários, condição essa que passa a se repetir nos “novos” investimentos do sujeito. São as impactantes vivências traumáticas, as quais engendraram pactos mortíferos aniquiladores da condição de ser e estar no mundo, ou seja, aniquilasse a condição de existir como um sujeito psíquico, reconhecido e investido como tal no campo da alteridade. Pode-se pensar que o *servo* é aquele que entrega para um outro a sua condição de sujeito, gerando e reproduzindo, conseqüentemente, um *estar aprisionado* ao mandato narcísico dos objetos primordiais, o qual, por sua vez, impõe uma repetição compulsiva e, portanto, incessante do estar assenhoreando-se do outro. É a servidão psíquica o testemu-

nho mais inquestionável do prejuízo ao si mesmo e à alteridade.

Dessa forma, tomando a condição de servidão psíquica como própria à drogadição, propõe-se, mais especificamente, como **servidão narcísica** a estratégia de enfrentamento (e, portanto, defensiva) da problemática da fronteira entre o Eu e o outro, através de uma modalidade de investimento no objeto que onipotentemente dá ao sujeito a ilusão de controle sobre si mesmo, subtraindo as ameaças de invasão do objeto e do conseqüente aniquilamento do Eu. Propõe-se, por outro lado, denominar **servidão autoerótica** à estratégia de enfrentamento que desvela uma indiferença para com o objeto e, portanto, de um fechamento do Eu à sua própria parcialidade pulsional. Nessa modalidade de investimento, tem-se a presença do ato que usurpa ao outro sua condição de sujeito para garantir que não se opere sobre o Eu um abalo à sua condição de prazer parcial e à visão onipotente de si mesmo. Opta-se pelo resgate da ideia de autoerotismo para destacar que, desde a perspectiva do sujeito que faz uma servidão autoerótica, a alteração da percepção da falta desmente o valor e os efeitos provocados pelo outro.

Histórias de parte de alguns participantes da pesquisa, tal como de Douglas evidenciam, assim, o dramático recurso à **servidão autoerótica**, na tentativa de sobrevivência psíquica por meio de um fechamento em si mesmo e conseqüente indiferença e usurpação do outro, com o intuito de impedir que a dor psíquica seja experimentada e posteriormente representada pelo Eu. À luz das proposições teóricas de Moraes (2012) sobre a singular dinâmica psíquica da perversão, pode-se caracterizar o que neste artigo apresenta-se como servidão autoerótica para identificar esse movimento psíquico defensivo que não apenas visa, em última instância, à preservação do Eu, mas também denuncia as fraturas no si mesmo e a necessidade de *alterar* os possíveis efeitos decorrentes dos investimentos nos objetos.

Por outro lado, pode-se constatar nas histórias dos demais participantes, tal como Cristina, uma nuance diferente do movimento psíquico defensivo, proposto, aqui, como **servidão narcísica**. Mesmo que se consiga constatar a busca pela preservação do Eu, frente ao impedimento da invasão do objeto, a modalidade de investimento no outro apresenta-se um pouco mais preservada e, por isso, o reconhecimento do outro e os efeitos desse reconhecimento não precisam ser completamente alterados. A alteração necessária, nesses casos, diante da precariedade do si mesmo, diz respeito mais a “administrar” as fraturas provocadas pelo encontro com ele (servidão narcísica) do que alterar o parco investimento no objeto, de forma a predominar a usurpação de sua condição de outro (servidão autoerótica). Em ambas é evidente o prejuízo da relação do Eu com os objetos e a danosa capacidade de provocar quaisquer vicissitudes ao Eu.

Dessa forma, considerar as duas nuances de modalidades de investimento do Eu, bem como problematizá-las como recursos de enfrentamento da dor psíquica, permite aprofundar o tema do importante prejuízo ao Eu toda vez que o aprisionamento à condição de servidão se exemplifica via drogadição. Ainda, cabe ressaltar a especificidade dos aportes de abordagem dessa temática: trata-se de problematizar o sujeito na condição da drogadição e não colocar ênfase

na substância que consome mas, sim, no que o consome como sujeito.

Certamente, o exercício da Escuta de sujeitos como Cristina e Douglas abrem inúmeras vias de problematização. Além disso, o enlace entre narcisismo e o fenômeno drogadito se desdobra em múltiplos eixos de investigação e de estudo. Assim, sem desconsiderar a multifatoriedade do sintoma drogadito, mas em oposição à lógica de compreensão dominante da temática que acentua a “dependência química”, buscou-se, neste artigo, dar foco principal ao sujeito e à sua condição de assujeitamento frente à relação que estabelece com o objeto-droga. Para tanto, considera-se a Psicanálise uma ferramenta *princeps*, uma vez que permite não somente uma profunda análise do sujeito em seu processo de subjetivação e constituição psíquica, mas, também, uma análise não causal das modalidades de seus investimentos.

De modo mais específico, considerando-se a pesquisa que deu origem a este artigo, a Escuta dos participantes e o decorrente trabalho metodológico buscaram resgatar e atentar à forma da Psicanálise posicionar-se diante dos fenômenos humanos. Neste artigo, ao investigar a problemática da drogadição por meio de uma estratégia de pesquisa com o método psicanalítico, via Estratégia Clínico-Interpretativa, são o sujeito e a singularidade dos efeitos de sua história que se destacam.

O conceito de narcisismo se impôs durante o trabalho como o fio condutor indispensável para as diferentes e complexas tessituras entre o sujeito psíquico e suas modalidades de investimento em si mesmo e nos objetos. Destacou-se, de forma contundente, ser a via do narcisismo um eixo de problematização na drogadição, uma vez que na história e nos efeitos de sua constituição subjetiva vão se delineando as vias de repetição que encarceram o sujeito na condição de servo ao objeto, impedindo-o de construir-se nas dimensões da autonomia, da liberdade e da alteridade.

Assim, ao problematizar as vicissitudes do narcisismo, foi possível realizar um movimento de aprofundamento e de ampliação das histórias de vida de cada participante da pesquisa, o que culminou na proposição teórica do conceito de **servidão** enlaçado com o aprofundamento das dinâmicas psíquicas presentes na toxicomania. Tal conceito denuncia uma condição de repetição compulsiva e se manifesta em diferentes nuances. Dessa forma, pode-se constatar diferenças nas modalidades de relação do Eu com o objeto, o que levou à apresentação no artigo de duas estratégias defensivas distintas, denominadas **servidão narcísica** e **servidão autoerótica**. De fato, a conceituação dessas duas modalidades de investimento no objeto dizem respeito não somente às estratégias de preservação e de enfrentamento disponíveis ao Eu, bem como aos entraves na relação com a alteridade.

Em relação ao tema da Drogadição, acredita-se que, na fidelidade ao legado freudiano de interrogação permanente, pode-se ampliar e dar luz a nuances que colaboram como elementos de escuta e na intervenção diante das singulares expressões de dor psíquica do sujeito drogadito. Dentre esses essenciais elementos, aliam-se, sem dúvida, o fundamental conceito do narcisismo e o lugar

do Eu nos encontros com seus objetos de investimento.

Diante do caráter inesgotável dessa temática e reconhecendo a inevitável circunscrição que um pesquisador precisa fazer em relação ao fenômeno que investiga, afirma-se ser fundamental que outros estudos, outros olhares, outras escutas e possíveis intervenções possam adentrar esse singular território de dor psíquica. Quando se adentra um espaço de dor psíquica amparado nos aportes psicanalítico, não poderá ser minimizado o valor da palavra daquele que sofre.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, M. **A servidão ao “outro” nos estados limites.** *Psychê*, n .9, v.16, p. 65-75, 2005.

CHABERT, C. **Actes et dépendances.** Paris : Dunod, 2006.

DOCKHORN, C. **O sujeito psíquico e a condição de servidão ao objeto-droga: do rigor da psicanálise à pesquisa na escuta.** Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS], Porto Alegre, 2014.

DOCKHORN, C. N. B. F.; MACEDO, M. M. K. (2014). Estratégia Clínico-Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, no prelo.

FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução.** Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24v. V. 14.

MCDUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORAES, E. Perversão: analisabilidade de um destino em cena. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother; WERLANG, Blanca Susana Guevara (Orgs.). **Psicanálise & Universidade: potencialidades teóricas no cenário da pesquisa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p.92-109.

SAVIETTO, B. **Drogadição na juventude contemporânea: a “intoxicação” pelo outro.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Porchat Pereira da Silva Knudsen, P. (2010), Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler, em *Revista Estudos Feministas*, 18(1), pp. 161-170.